



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

EMANUELE DE OLIVEIRA PINTO

NOTAS INTRODUTÓRIAS SOBRE ALGUMAS DICOTOMIAS SAUSSURENAS

**CAMPINA GRANDE
2021**

EMANUELE DE OLIVEIRA PINTO

NOTAS INTRODUTÓRIAS SOBRE ALGUMAS DICOTOMIAS SAUSSUREANAS

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a/ao Coordenação /Departamento do Curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduada em Letras.

Área de concentração: Língua

Orientador: Prof. Dra. Iara Francisca Araújo Cavalcanti

**CAMPINA GRANDE
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

P659n Pinto, Emanuele de Oliveira.

Notas introdutórias sobre algumas dicotomias
Saussureanas [manuscrito] / Emanuele de Oliveira Pinto. - 2021.

27 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2021.

"Orientação : Profa. Dra. Iara Francisca Araujo Cavalcanti ,
Coordenação do Curso de Letras - CEDUC."

1. Língua . 2. Fala. 3. Linguagem . 4. Linguística . I. Título

21. ed. CDD 410

EMANUELE DE OLIVEIRA PINTO

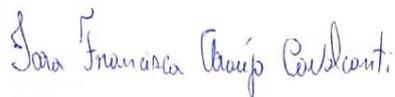
NOTAS INTRODUTÓRIAS SOBRE ALGUMAS DICOTOMIAS SAUSSUREANAS

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a/ao Coordenação /Departamento do Curso de Letras – Língua Portuguesa da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduada em Letras

Área de concentração: Língua

Aprovada em: 19/10/2021.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra. Iara Francisca Araújo Cavalcanti (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof Me. Italo Clay Tavares de Lima
Universidade Federal de Pelotas (UFPel)



Profa. Dra. Dalva Lobão Assis
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aos meus pais, pelo apoio, amor, e companheirismo DEDICO.

“O tempo altera todas as coisas.”

Ferdinand de Saussure (2016, p: 91)

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: conceito de imagem acustica.....	16
Figura 2: silencio.....	19
Figura 3: coca-cola.....	24
Figura 4: cérebro.....	29

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. Língua como sistema de signos	11
3. Arbitrariedade do signo e linearidade do significante	15
4. A tríade de Saussure: língua, linguagem e fala	19
4.1 Distinção entre língua e fala para Saussure	22
5. CONCLUSÃO	25
REFERÊNCIAS	25

NOTAS INTRODUTÓRIAS SOBRE ALGUMAS DICOTOMIAS SAUSSUREANAS

INTRODUCTORY NOTES ABOUT SOME SAUSSUREANAS DICHOTOMIES

Emanuele de Oliveira Pinto

RESUMO

O presente trabalho tem como objeto de estudo a obra póstuma Curso de Linguística Geral (2006), de Ferdinand de Saussure. O objetivo geral da pesquisa é introduzir sobre as dicotomias saussurianas, abordando sobre o objeto de estudo de Ferdinand de Saussure, a língua, e seus conceitos, tais como signo linguístico; arbitrariedade do signo; caráter linear do significante; a tríade da linguagem: língua, linguagem e fala; sincronia e diacronia e ainda a distinção entre língua (*langue*) e fala (*parole*). Para isso, a metodologia aplicada foi em base de artigos, teses e principalmente da obra de Ferdinand de Saussure. Diante desta abordagem constatou-se a importância da língua como objeto fundamental da Linguística.

Palavras-chave: Saussure. Língua. Fala. Linguagem. Linguística.

ABSTRACT

The present work has as its object of study the posthumous work General Linguistics Course (2006), by Ferdinand de Saussure. The general objective of the research is to introduce about the Saussurean dichotomies, approaching the object of study of Ferdinand de Saussure, the language, and its concepts, such as linguistic sign; arbitrariness of the sign; linear character of the signifier; the language triad: language, language and speech; synchrony and diachrony and the distinction between language (*langue*) and speech (*parole*). For this, the applied application was based on articles, theses and mainly on the work of Ferdinand de Saussure. In view of this approach, the importance of language as a fundamental object of Linguistics was verified.

Keywords: Saussure. Language Speaks. Language. Linguistics.

1 INTRODUÇÃO

No século XIX, o linguista Ferdinand de Saussure passou a investigar a linguagem humana e como ela se comportava em cada indivíduo. Por causa de tais estudos nasce a Linguística, a qual é uma ciência que tem como base fundamental os estudos que compreendem e observam os fatos da linguagem.

Corrente teórica da linguística baseada nos princípios do Curso de Linguística Geral (1916) de Ferdinand de Saussure, que se desenvolveu na Europa e nos Estados Unidos da América a partir dos anos 30 do século XX, o estruturalismo, baseia-se em um conjunto estruturado da língua, em que as relações definem os termos. Saussure é considerado o fundador do estruturalismo, embora tivesse preferido à designação de sistema em vez da de *estrutura* para definir a língua como

um todo cujas partes se relacionam entre si e concorrem para a sua organização global. As relações entre as partes do sistema ou estrutura foram descritas por Saussure em termos de relações sintagmáticas (no plano do sintagma, num eixo horizontal) e paradigmáticas (no plano da semântica, num eixo vertical).

Saussure passa a ser considerado o pai da linguística moderna, e tem como objeto principal de estudo a língua, onde investiga diversas teorias sobre como ela se comporta nos indivíduos. Em nossa pesquisa, é instituída uma relação entre a língua e a fala, bem como suas distinções para Ferdinand de Saussure.

Este trabalho tem como objetivo principal teorizar sobre as dicotomias saussurianas, tais como a língua; arbitrariedade do signo e linearidade do significante; língua, linguagem e fala; sincronia e diacronia e por fim distinção entre língua (*langue*) e fala (*parole*).

Este trabalho está organizando em 4 tópicos, primeiro uma abordagem acerca do objeto de estudo de Saussure a língua, discorre como o linguista a classifica e faz uma abordagem com outros linguistas. A seguir discute-se sobre arbitrariedade do signo e linearidade do significante emitindo o conceito de cada teoria, exemplos foram utilizados para que ficasse mais claro para o leitor sobre tais conceitos, relata-se sobre a mutabilidade do signo linguístico e de como ocorre essa mutabilidade. Em seguida, com a tríade da linguagem: língua, linguagem e fala, mostrou que apesar de ser uma tríade uma não é sinônimo da outras, demonstra-se os conceitos de Saussure sobre cada uma, fala ainda sobre sincronia e diacronia e como cada uma acontece, para isso, foi feita uma analogia usando a imagem que mostra como ocorre esse fenômeno sincrônico e diacrônico. Por fim, a distinção entre língua (*langue*) e fala (*parole*) e de como a linguística se viu diante desta bifurcação. Com isto, constata-se o quanto o estudo do linguista Saussure dentro da língua foi e é importante.

A nossa intenção com este trabalho é dar ênfase as dicotomias saussurianas e mostrar a relevância que a linguística tem dentro dos ensinamentos de língua. Para isso, a metodologia aplicada foi em base teses, na obra *A invenção da Linguística* (2013) e principalmente no objeto de estudo, a obra de Ferdinand de Saussure, *Curso de Linguística Geral* (2006).

2 LÍNGUA COMO SISTEMA DE SIGNOS

É inegável considerar que a língua é importante para o desenvolvimento da sociedade, pois possibilita tanto comunicação verbal quanto a escrita, pontos imprescindíveis para o fomento da cultura entre os povos, servindo de fundamento para as diversas áreas do conhecimento humano. Sob este aspecto, o linguista Ferdinand de Saussure (considerando uma das principais referências na área), passou a estudar e a desvendar desígnios da linguagem e da língua humana.

Ferdinand de Saussure (1857- 1913), linguista suíço, dedicou seu tempo para investigar a língua humana, em sua teorização Saussure apresenta dicotomias: língua e fala, sintagma e paradigma, sincronia e diacronia, significante e significado. Dicotomia é a divisão de um elemento em duas partes, a partir de suas ideias surgiram várias correntes linguísticas, seja contrariando-o, seja seguindo-o. Saussure ministrou seus estudos na Universidade de Genebra, entre 1907 e 1910, no entanto, os estudos do linguista passaram a ser publicados depois de sua morte, o suíço faleceu em 22 de fevereiro de 1913, seus manuscritos foram compilados por

dois de seus alunos no livro “Curso de Linguística Geral”, o qual será a fonte de estudo deste trabalho.

O Curso de Linguística Geral (em francês: Cours de linguistique generale), obra póstuma de Ferdinand de Saussure, teve sua primeira publicação no ano de 1916, no idioma Francês, editado pelos alunos Charles Bally e Albert Sechehaye, a versão portuguesa sai 54 anos depois de sua publicação. Uma das principais preocupações de seus alunos para colocar a obra em prática era o receio de empobrecer o livro, tirando as riquezas das anotações de seu professor. Para isso contaram com a contribuição de anotações de outros alunos do linguista, os quais ajudaram na colaboração do texto. Nas palavras de seus alunos coautores Bally e Sechehaye (1915):

Em primeiro lugar, podem dizer – nos que esse “conjunto” é incompleto: o ensino do mestre jamais teve a pretensão de abordar todas as partes da linguística, nem de projetar sobre todas uma luz igualmente viva; materialmente, não o poderia fazer. Sua preocupação era, aliás, bem outra. Guiado por alguns princípios fundamentais, pessoais, que encontramos em todas as partes de sua obra, e que formam a trama desse tecido tão sólido quanto variado, ele trabalha em profundidade e só se estende em superfície quando tais princípios encontram aplicações particularmente frisantes, bem como quando se furtam a qualquer teoria que os pudesse comprometer. Desse trabalho de assimilação e reconstituição, nasceu o livro que por ora apresentamos, não sem apreensão, ao público erudito e a todos os amigos da Linguística. (Bally e Sechehaye, 1915, p: 3)

Outrossim, os coautores Bally e Sechehaye (1915) fizeram um bom trabalho resgatando as anotações de seu professor, assim trazendo à tona seus ensinamentos, Saussure considerado o pai da linguística moderna, foi o pioneiro em estudar a língua humana e a mostrar como ela está presente na cultura. Foi através de Saussure que a linguística ganhou autonomia como ciência, o autor aborda que a língua é como um sistema, ou seja, aquilo que nenhum falante pode mudar. Saussure afirma:

Com outorgar a ciência da língua seu verdadeiro lugar no conjunto do estudo da linguagem, situamos ao mesmo tempo toda a Linguística. Todos os outros elementos da linguagem, que constituem a fala, vêm por si mesmos subordinar-se a esta primeira ciência e é graças a tal subordinação que todas as partes da Linguística encontram seu lugar natural. (Saussure, 2006, p. 26).

Na obra a Invenção da Linguística (2013), organizado pela perspectiva de três reconhecidos saussurianos brasileiros – Jose Luiz Fiorin, Valdir do Nascimento Flores e Leci Borges Barbisan-, os quais assinam onze capítulos que integram o livro. Os organizadores, antes de apresentar a estrutura da obra, inserem o discurso saussuriano em seu tempo, destacando outros discursos com os quais o autor dialogou em suas teorias.

No capítulo “Por que ainda ler Saussure?”. Os autores retratam sobre a Linguística iniciada, a partir da obra Curso de Linguística Geral, e da linguagem como meio para compreender a sociedade humana, diante disto tem-se:

“o Curso é, para a Linguística, um discurso fundador. No entanto, mesmo os discursos fundadores constituem-se, como todo e qualquer discurso, em oposição a outros. Se seu princípio central é o da prioridade das relações sobre os elementos e, por conseguinte, o de que as relações que definem o sistema formam uma hierarquia, cujas partes estão relacionadas entre si de mantêm relações com o todo que engendram, está numa relação de heterogeneidade constitutiva com o discurso transcendentalista, com o analogista e com o anomalista.” (2013, p: 8)

Desse modo, a linguística ganhou autonomia como ciência a partir dos estudos de Saussure, para tanto o linguista foi o primeiro a mostrar que a língua está presente na cultura humana desde os primórdios.

O século XIX foi marcado pelos estudos diacrônicos da linguagem, a língua era comparada a organismos vivos, os comparativistas acreditavam que ela podia ainda nascer, crescer e morrer, visto que a sociedade está sempre evoluindo e com isso mudando, pode-se pensar na “morte” de algumas línguas, pensando nisso, tem como exemplo os processos de acordos ortográficos, se a língua evolui a ortografia terá de evoluir também. No entanto, no século XX, Ferdinand de Saussure passa a questionar essa interação de que a língua é vista como organismo vivo, e estuda sobre as concepções da língua até distingui-la como sendo uma ciência autônoma.

Conceber a língua como sistema de signos é dizer que o mais completo e o mais difundido sistema de expressão, é também o mais característico de todos. A língua funciona como um sistema particular, essa definição se dá através da semiologia, a qual é ciência que estuda a vida dos signos no seio da vida social, a semiologia constitui uma parte da psicologia social e da psicologia geral, portanto a linguística é constituída por uma parte dessa ciência geral.

Uma vez definida a semiologia, deve – se pensar o porquê dessa definição, Saussure concebeu a semiologia como sendo a ciência que separaria a língua no seio social, ou seja, a semiologia estuda a comunicação, diferenciando – se da linguística a qual aborda sobre a linguagem, a língua por ser constituída como instituição social, distingue-se em vários aspectos de outras instituições, como a política, a jurídica etc. Para Saussure a língua não tinha necessidade natural de composição, ou seja, se a política, por exemplo, constitui uma instituição isso também se deve a uma conformidade natural entre os meios que se emprega e os fins que tentam ser alcançados. A noção de instituição é formada de maneira que seus fins são sempre postos em referência, o funcionamento da instituição é determinado pelo fim que deseja ser alcançado, há uma determinação exterior a instituição, no entanto, a língua não é presa a essa determinação exterior.

Em contraponto, no início do século XX surge Michel Pêcheux (1969), o qual considera que Saussure foi enganado pelo pensamento do não-sociológico, na sua obra *Análise Automática do Discurso* (1969), Pêcheux afirma que consiste em considerar as instituições em geral como funções com finalidade explícita, acreditava que o funcionamento da língua não era explícito para o locutor, pois também se localizavam outras falas (a fala do outro). Por tanto, se para Saussure a língua está no campo em que se manifesta a liberdade do locutor. Para Pêcheux a língua passa a ser parte de um mecanismo em funcionamento, ou seja, como parte de um sistema de normas que não são individuais e nem globais, mas que definem um leque de possibilidades práticas num dado momento.

Analisando os autores, na visão de Michel Pêcheux, o sentido da língua existe por causa das relações de metáfora, de transferência entre um sentido de uma palavra e outra. Desse modo, os sentidos sempre podem ser outros, pois há o gesto de interpretação dos sujeitos, há o trabalho da formação discursiva, a partir de onde

se fala, determinando os significados da língua. Em contrapartida, Saussure define o signo linguístico como a união do significado com o significante, sendo essa união psíquica. Isso permite que se faça uma distinção do signo de uma realidade exterior, visto que esse exterior, para Saussure, seria a fala e não deveria entrar nos estudos da ciência linguística. Portanto, a questão agora não é mais como os sujeitos chegam ao mundo pela linguagem, mas o que os sujeitos fazem com ela, o que a língua permite, enquanto um sistema conceitual, que seja feito, isto é, como podemos realizar interações da língua com o mundo.

Saussure definiu a língua como um sistema de signos, sendo este o seu objeto de estudo, ou seja, é um elemento representativo que apresenta dois aspectos: o significado e o significante. Ao escutar a palavra cachorro, é reconhecida a sequência de sons que formam essa palavra, esses sons se identificam com a lembrança deles que está na memória, ou seja, não é a coisa física em si, mas a representação mental que tem dela. O signo linguístico é, portanto, a combinação do conceito e da imagem acústica, a qual é por excelência a representação natural da palavra enquanto fato de língua virtual, fora de toda realização pela fala.

O signo linguístico é, pois, uma entidade psíquica de duas faces, que pode ser representada pela figura, no Curso de Linguística Geral (2006, p.80).

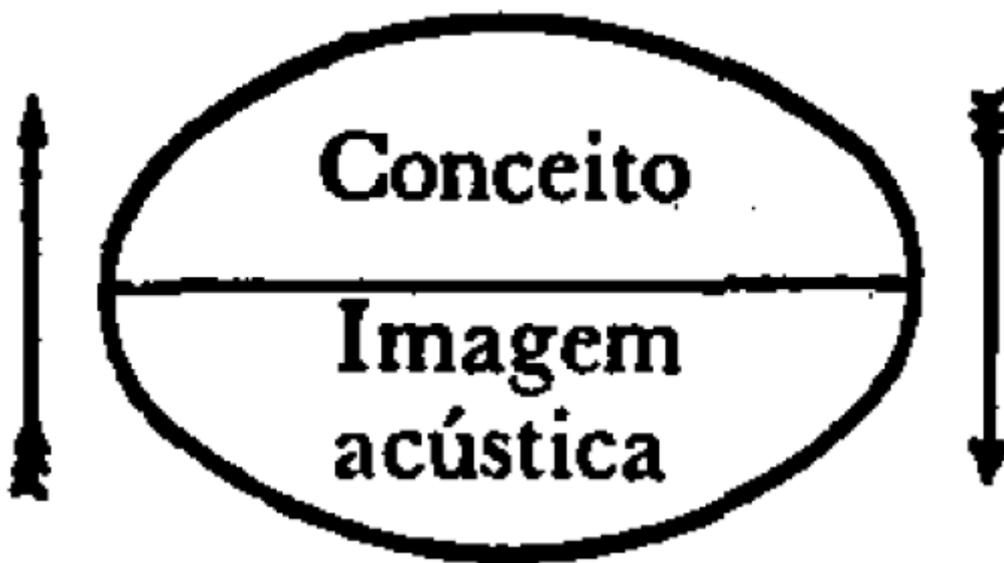


Figura 1: conceito de imagem acustica

Fonte: Curso de Linguística Geral (2006).

A imagem é a representação de que o signo linguístico não une só uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica, não é o som material (efeito físico), mas a impressão psíquica desse som a representação que tem sobre ele na memória, a imagem é sensorial (impregnada a memória). Assim, o signo linguístico é definido por duas características, a arbitrariedade do signo e o caráter linear do significante.

A seguir, a definição do conceito de arbitrariedade do signo e linearidade do significante será abordado com mais detalhes.

3 ARBITRARIEDADE DO SIGNO E LINEARIDADE DO SIGNIFICANTE

Para Saussure (2006) o signo linguístico apresenta dois princípios, a arbitrariedade do signo e a linearidade do significante. O linguista nega a visão tradicional de que a língua é um sistema de classificação, ou seja, Saussure, portanto, apresenta a visão de que a ideia é anterior à palavra e, portanto, a palavra existe em função da ideia.

Certa vez, um leão estava dormindo na selva quando um rato começou a correr para cima e para baixo em seu corpo apenas para se divertir. Isso perturbou o sono do leão, e ele acordou muito zangado.

Ele estava prestes a comer o rato quando o rato pediu desesperadamente ao leão que o libertasse. “Eu prometo a você, um dia serei de grande ajuda se você me salvar.” O leão riu da confiança do rato e o deixou ir.

Um dia, alguns caçadores entraram na floresta e levaram o leão com eles. Eles o amarraram contra uma árvore. O leão estava lutando para sair e começou a choramingar. Logo, o rato passou e notou o leão em apuros. Rapidamente, ele correu e roeu as cordas para libertar o leão. Os dois correram e o leão ficou livre¹.

Ao ler essa breve estória na citação acima, possivelmente cria-se uma imagem cognitiva, tanto do leão como do rato, inclusive um cenário foi pensado no seu imaginário, acredita-se que fora vivenciado cada momento, porém, o que chama a atenção é que mesmo sendo cenas impossíveis de acontecer, o cérebro foi capaz de identificá-las na mente.

O cérebro faz com que isso aconteça porque a língua não é um sistema de imagens de objetos, pois a linguagem humana pode falar de objetos presentes ou ausentes da situação de comunicação. O objeto não precisa existir para que falemos dele, pois a língua pode criar universos de coisas inexistentes. Saussure (2006) define o signo linguístico em duas características principais: a arbitrariedade do signo e a linearidade do significante.

Para Saussure (2006) o signo linguístico é arbitrário, é algo cultural, ou seja, todo meio de expressão aceito numa sociedade, nesse caso o linguista explica que ser arbitrário não significa dizer que é motivado, outrossim, não há relação com o significante e o significado, o som e o sentido. Saussure (2006) afirma que para o signo ser arbitrário não depende que o significado tenha relação com a livre escolha do falante, não está na vontade do indivíduo à capacidade de mudar nada em um signo linguístico, já que este é social. Em suas palavras Saussure (2006) afirma:

A ideia de “mar” não está ligada por relação algum interior a sequência de sons m-a-r que lhe serve de significante; poderia ser representada igualmente bem por outra sequência, não importa qual; como prova temos as diferenças entre as línguas e a própria existência de línguas diferentes: o significado da palavra francesa boeuf (boi) tem por significante b-o-f de um lado da fronteira franco-germânica, e o-k-s (ochs) do outro. (SAUSSURE, 2006: 81,82)

¹ Endereço eletrônico da estória (<https://www.mildicasdemaee.com.br/2020/11/historia-infantil-curta-conheca-as-5-melhores-para-seu-filho-dormir.html>). A estória serve como exemplo de imagem cognitiva para o leitor.

Agora imagine uma conversa entre duas pessoas, onde a primeira não consegue entender o que a segunda pessoa fala.

- Bibliotecário: Bom dia, jovem.
- Usuário: Bom dia. Preciso de ajuda para encontrar um livro.
- Bibliotecário: sobre qual assunto?
- Usuário: De carros, quero consertar meu carro.
- Bibliotecário: para isso você precisa de um livro de mecânica.
- Usuário: Não, não é um problema de mecânica, mas de estofamento.
- Bibliotecário: vou verificar se temos livros sobre sofá².

No diálogo apresentado, houve um equívoco, no qual o bibliotecário confundiu a palavra “estofamento” (algum problema no carro), por “estofamento” (sofá). O bibliotecário ao estabelecer sua própria convenção comete um erro.

Portanto, em Saussure (2006), para que ocorra a comunicação é preciso que os falantes usem o mesmo consenso, caso contrário não seria possível nenhum tipo de comunicação.

Ainda no conceito de arbitrariedade Saussure (2006) aponta uma distinção entre o que é absolutamente arbitrário e relativamente arbitrário, por exemplo, um signo como "mar" é absolutamente arbitrário, pois não existe nenhuma motivação no liame que une o significante e o significado. Saussure (2006) apresenta o exemplo de “arbitrário absoluto” e “arbitrariedade relativa”, um signo como dezanove lembra dois signos sendo o dois + nove, como a origem de dezanove é "dez + nove" e o significante é composto dos signos dez e nove, ele é relativamente motivado. A arbitrariedade absoluta original dos dois numerais se apresenta relativamente atenuada, dando lugar àquilo que ele classificou como arbitrariedade relativa, pois do conhecimento da significação das partes pode-se chegar à significação do todo. O significado junto do significante geralmente pode-se encontrar juntos em poemas, pois o poeta tende a fazer essa junção de significado e significante.

Pode-se falar também que nos símbolos a relação entre o significante e o significado pode ser motivada, por exemplo, a característica do símbolo é não ser completamente arbitrário, porque o símbolo não é vazio existe uma junção natural entre o significado e o significante, no Curso de Linguística Geral, Saussure (2006) usa o exemplo do símbolo da justiça, ele aponta que a balança (o símbolo) não poderia ser representado por algo aleatório, por exemplo, um carro, pois não teria significado algum, portanto o símbolo é algo carregado de significados, ele representa algo. Para que fique mais claro, usaremos este exemplo abaixo:

² O diálogo foi usado como exemplo de comunicação entre duas pessoas, para mostrar como Saussure define o conceito de comunicação entre falantes.



Figura 2: silencio

Fonte: <https://br.depositphotos.com/vector-images/sil%C3%A0ncio.html>

A imagem acima é um texto não verbal, ou seja, não há nada escrito nela, no entanto identifica-se que deve fazer silêncio, por tanto, o símbolo da pessoa pedindo silêncio carrega um significado de que não deve fazer barulho.

Saussure (2006) aborda também a linearidade do significante, para ele, o significante desenvolve-se no tempo unicamente e apresenta duas características que toma do tempo, a primeira característica representa uma extensão, a segunda é a dimensão dessa extensão, ou seja, é uma linha. Saussure (2006) pontua:

Os significantes acústicos dispõem apenas da linha do tempo; seus elementos se apresentam um após o outro; formam uma cadeia. Esse caráter aparece imediatamente quando os representamos pela escrita e substituímos a sucessão do tempo pela linha espacial dos signos gráficos. (SAUSSURE, 2006: 84)

Saussure (2006) aborda que a linearidade é uma característica natural das línguas, não se pode produzir mais de um elemento linguístico de cada vez, um vem depois de outro, assim uma palavra atrás da outra, não se pode evocar tudo de uma vez. Nas palavras do autor:

No discurso, os termos estabelecem entre si, em virtude de seu encadeamento, relações baseadas no caráter linear da língua que exclui a possibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo tempo. Estes se alinham um após o outro na cadeia da fala. Tais combinações, que se apoiam na extensão, podem ser chamadas de sintagmas. [...] Colocado num sintagma, um termo só adquire seu valor porque se opõe ao que o precede ou ao que o segue, ou a ambos. (Saussure, 2006: 142)

Por conseguinte, a linearidade deve ser entendida como uma das manifestações possíveis da sintagmática e, portanto, suas características temporais também são a manifestação de um mecanismo mais profundo, pois sua natureza é auditiva e sua expressão, seja na fala ou na consciência, se dá através do aparecimento consecutivo de um signo após o outro na linha do tempo.

Os signos linguísticos são, ao mesmo tempo, imutáveis e mutáveis, isso significa dizer que a língua é imutável, pois ela resiste ao tempo, à língua funciona como uma herança de sociedade a qual passa de geração em geração. Saussure

(2006) afirma que o tempo assegura a continuidade da língua, que o indivíduo ou a própria massa são incapazes de modificá-lo em qualquer ponto, isto é, está “atado à língua tal qual é” (p.85). Demonstra que “a língua não pode, pois, equiparar-se a um contrato puro e simples (...) pois, (...) a lei admitida numa coletividade é algo que se suporta e não uma regra livremente consentida” (p.85). Uma das provas disso é que, independentemente da época, “a língua aparece sempre como uma herança da época precedente” (p.85). Dessa forma, torna-se uma questão menor a origem da linguagem, enquanto o que importa é a vida regular e normal do idioma já constituído.

Contudo, para Saussure (2006) as considerações mais importantes e essenciais para a imutabilidade da língua são: 1) O caráter arbitrário do signo: a condição da arbitrariedade tira o signo da pauta das discussões, pois, para isso acontecer, seria necessária uma base numa norma razoável, como não há, desaparece o terreno sólido para essa problematização. 2) A multidão de signos necessários para constituir qualquer língua: isso praticamente anula a possibilidade de mudança de um sistema para outro. 3) O caráter demasiado complexo do sistema: a língua se constitui em um sistema e sua complexidade não é percebida pela massa, e, mesmo os especialistas até agora não mostraram êxito nas intervenções nesse sentido. 4) A resistência da inércia coletiva a toda renovação linguística: “A língua – e esta consideração sobreleva todas as demais – é, a cada momento, tarefa de toda gente, difundida por uma massa e manejada por ela” (p.88). Dessa maneira a língua, aparece como um fator de conservação.

Em contraponto, Saussure (2006) apresenta também o signo linguístico mutável, essa mutabilidade ocorre justamente pela arbitrariedade do signo. A língua “não está limitada por nada na escolha de seus meios, pois não se concebe o que nos impediria de associar uma ideia qualquer com uma sequência qualquer de sons” (p.90). São deslocamentos que acontecem dentro da língua, causando a mutabilidade, como exemplo o uso do pronome pessoal de tratamento “você” o qual passou por toda mudança na pronúncia e na escrita - **Vossa Mercê > Vossemecê > Vosmecê > Vancê > Você**- passou por modificações pelo tempo, dessa forma é possível perceber que a mutabilidade age dentro do material de conservação da língua. Assim, a evolução da língua se dá de uma maneira altamente complexa, pois, “simultaneamente, na massa social e no tempo, ninguém lhe pode alterar nada e, de outro lado à arbitrariedade de seus signos implica teoricamente, a liberdade de estabelecer não importa que relação entre a matéria fônica e as ideias” (p.90 e 91). Sendo assim, as mudanças acontecem por diferentes fatores e em grandes variedades.

Na obra *A invenção da linguística* (2013) os autores abordam sobre a arbitrariedade do signo para Saussure e fazem suas próprias contribuições, tem-se:

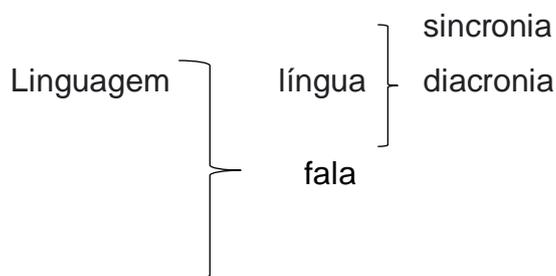
“Saussure, por outro lado, ao arquitetar o princípio da arbitrariedade, estaria retirando a importância do real e a inserindo no campo/nível semiológico, a língua como sistema de signos arbitrários.” (2013.p.138). “A língua fundada na não coincidência entre significantes e significados conduz a edificação da teoria do valor. Um sistema de valores negativos, ou seja, puros, do ponto de vista semiológico, não poderia ter sido interpretado como um sistema fechado em si mesmo, pois a todo o momento há novos cortes nas massas amorfas, nada é preexistente, nada é positivo, pois só existe enquanto diferenças e negatividades.” (2013. p. 143).

Em seguida, será apresentada a tríade da linguagem em Ferdinand de Saussure, e a definição de língua, linguagem e fala, abordando os conceitos de diacronia e sincronia.

4. A TRÍADE DE SAUSSURE: LÍNGUA, LINGUAGEM E FALA

O processo comunicativo está ligado à tríade, língua, linguagem e fala, no entanto, um não é sinônimo do outro, no âmbito dos estudos linguísticos, apresentam características que os diferenciam entre si. Para Saussure (2006) a linguagem é composta de duas partes, a língua, essencialmente social porque é convencionalizada por determinada comunidade linguística; e a fala, que é secundária e individual, ou seja, é veículo de transmissão da língua, usada pelos falantes através da fonação e da articulação vocal. Saussure faz uma distinção entre a língua e a fala por serem dois objetos que estão estreitamente ligados um ao outro, “a língua é necessária para que a fala seja inteligível e produza todos os seus efeitos.” (p. 27). A língua é, portanto, definida como um sistema convencional regido por leis combinatórias, pertencentes a um determinado grupo de indivíduos. Dessa forma tem-se que o indivíduo munido de todo o seu conhecimento acerca do sistema convencional (leis combinatórias), expressa de modo particular suas ideias, seus sentimentos. Assim, ao buscar delimitar a língua como um sistema estruturado em oposição ao que lhe é externo, o autor se empenha especialmente em reforçar que a língua não se confunde com a fala por um lado, e nem com a linguagem, por outro.

O seguinte esquema do Curso de Linguística Geral (2006, p:115) mostra a forma racional que deve assumir o estudo linguístico:



Sobre esse esquema entre a linguagem, língua e fala, Saussure (2006) afirma:

Um fato de evolução é sempre precedido de um fato, ou melhor, de uma multidão de fatos similares na esfera da fala; isso em nada debilita a distinção estabelecida acima; esta se acha inclusive confirmada, pois na história de toda inovação encontra-se sempre dois momentos distintos: 1. Aquele em que ela surge entre os indivíduos; 2. Aquele em que se tornou um fato da língua, exteriormente idêntico, mas adotado pela comunidade. (Saussure, 2006, p: 115)

Deste modo, Saussure (2006) distingue língua, de fala e de linguagem: “A língua é para nós a linguagem menos a fala. É o conjunto dos hábitos linguísticos que permitem a uma pessoa compreender e fazer-se compreender.” (2006, p. 92).

Ao distinguir a língua de linguagem, Saussure vê na primeira algo de essencial: Mas, o que é a língua? Para nós ela não se confunde com a linguagem, ela é apenas uma parte dela, essencial. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade da linguagem, é um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para possibilitar o exercício de tal faculdade pelos indivíduos. Considerada em sua totalidade, a linguagem é multiforme e heteróclita; percorrendo sobre diferentes domínios, ao mesmo tempo físico, fisiológico e psíquico, ela pertence ainda ao domínio individual e ao domínio social; ela não se deixa classificar em nenhuma categoria dos fatos humanos, é por isso que não se sabe como determinar sua unidade.

Ademais, a Linguística aborda estudos sincrônicos e diacrônicos da fala, esses estudos servem para medir as transformações da língua, “de duas línguas coexistentes num mesmo período, uma pode evoluir muito e outra quase nada.” (2006, p. 118). Com isso Saussure (2006) mostra a importância de estudar a evolução da língua, o linguista acreditava que o tempo era importante para que esses resultados comesçassem a aparecer, ou não, pois ele também acreditava que as evoluções da língua poderiam ser poucas. Na definição de Saussure (2006) temos a explicação dos termos sincronia e diacronia:

A linguística sincrônica se ocupará das relações lógicas e psicológicas que unem os termos coexistentes e que formam sistemas, tais como são percebidos pela consciência coletiva. A linguística diacrônica estudará, ao contrário, as relações que unem termos sucessivos não percebidos por uma mesma consciência coletiva e que se substituem uns aos outros sem formar sistema entre si. (Saussure, 2006, p: 116).

Em decorrência desse estudo do tempo, tem-se com a noção saussuriana, que o aspecto diacrônico aborda tudo que diz respeito às evoluções da língua e da ordem da sincronia tudo que está relacionado com o aspecto estático da língua. Para Saussure (2006) sincronia está para “um estado de língua”, enquanto diacronia está “para uma fase de evolução”.

Para uma explicação mais clara sobre os estudos sincrônicos e diacrônicos de Saussure (2006), tem-se como exemplo a evolução da garrafa da Coca-Cola, grande marca de refrigerante conhecida mundialmente, o qual foi criado para ser um remédio, no entanto, em 1894 acabou virando refrigerante desde então passou por diversas mudanças dentre elas na sua embalagem.

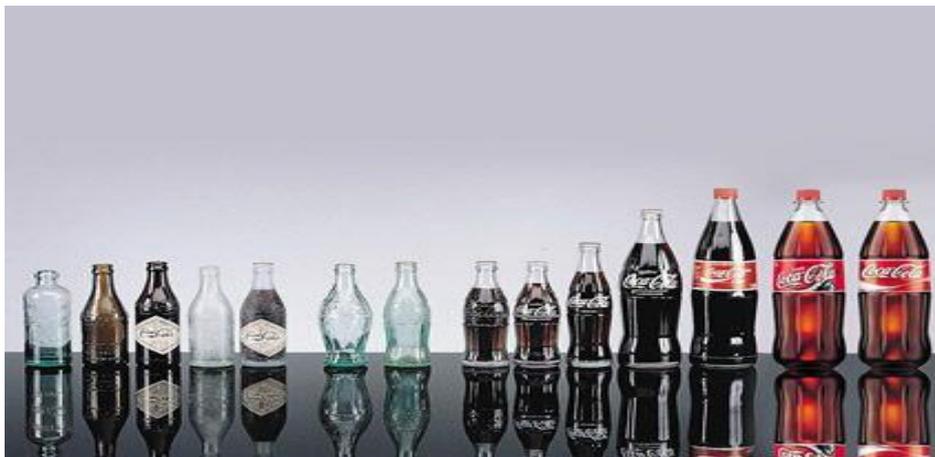


Figura 3: coca – cola**Fonte:** <https://br.pinterest.com/pin/476185360599123010/>

Fazendo uma análise da imagem e relacionando com os estudos sincrônicos e diacrônicos do linguista Saussure (2006), pode-se observar que no estudo sincrônico, leva em consideração as características presentes, os aspectos físicos, no caso o funcionamento da garrafa, ou seja, estudaríamos o peso, o tamanho, altura, a cor da garrafa. No que diz respeito aos estudos diacrônicos levaria em conta a história, a evolução do objeto de estudo, nesse caso a garrafa. Diante disso, a sincronia analisa a língua como um conjunto fechado que apresenta regularidade e homogeneidade própria de uma determinada época. A diacronia por sua vez ao incidir sobre o processo evolutivo da língua caracteriza-se como o estudo da sucessão de diversas diacronias, possibilitando comparações. Assim, um estudo completo e efetivo da língua teria que contemplar essas duas vertentes, focando tanto nas mudanças ocorridas na língua, como no funcionamento da língua num determinado momento.

Saussure (2006) apresenta a “metáfora do jogo de xadrez”, o linguista faz uma analogia da língua com o xadrez. Ele define a concepção de língua nos limites do tabuleiro sobre o qual o jogo-partida ocorre, posto que desenvolve num paradigma sistêmico cuja complexidade de base é análoga à da partida de xadrez. Para Saussure (2006, p: 104), “de todas as comparações que se poderiam imaginar, a mais demonstrativa é a que se estabeleceria entre o jogo da língua e uma partida de xadrez.” Essa comparação acontece porque no jogo de xadrez independentemente da matéria (madeira, plástico...) usada na confecção do jogo-objeto, as peças adquirem, sobre o tabuleiro, valores numa dinâmica de movimentos controlados por regras convencionadas assim como acontece na língua.

No entanto, Saussure (2006) aponta que existe unicamente uma falha entre a comparação jogo de xadrez x língua, a de que no jogo o jogador tem a intenção de mover uma ação sobre o sistema, no caso de o jogo mover uma peça, enquanto a língua não está premeditada a nada, acontece naturalmente, “para que a partida de xadrez se parecesse em tudo com a língua, seria preciso imaginar um jogador inconsciente ou falta de inteligência.” (2006, p: 105).

Sobretudo, pode-se relacionar o jogo de xadrez aos momentos de fala de um indivíduo visto que a língua se realiza nos usos que dela fazem seus falantes. A sociedade convencionada as regras do sistema, mas, nos atos de fala, são os indivíduos que decidem os elementos da língua. O funcionamento do sistema é condicionado ao tipo de uso que dele os falantes desejam fazer com vistas às necessidades interacionais dos contextos de uso da língua. Na língua assim como no xadrez encontra-se diante de um sistema de valores nos quais em ambos apresentam modificações. Para Saussure (2006):

“o que acompanhou toda a partida não tem a menor vantagem sobre o curioso que vem espiar o estado do jogo no momento crítico; para descrever a posição, é perfeitamente inútil recordar o que ocorreu dez segundos antes.” (Saussure, 2006 p. 105).

Em suma, Saussure (2006) estava dizendo que não importa o caminho percorrido o linguista deve estudar principalmente o sistema da língua, observando

como se configuram as relações internas entre seus elementos em um determinado momento do tempo. Esse tipo de estudo é possível porque os falantes não têm informações acerca da história de sua língua e não precisam ter informações etimológicas a respeito dos termos que utilizam no dia a dia, para os falantes, a realidade da língua é o seu estado sincrônico.

Voltando-se para a linguagem, Saussure (2006) a define como sendo heterogênea social e individual; psíquica; psicofisiológica e física. Portanto, a articulação, antes da língua, está na linguagem. Paralelamente à definição de linguagem como faculdade de constituir uma língua conforme um sistema de signos distintos correspondentes a ideias distintas, Saussure (2006) acolhe o princípio de uma linguagem articulada. Faz isso, ao constatar que a questão do aparelho vocal se revela secundária no problema da linguagem tendo alertado antes disso para o fato de que o som não passa de um instrumento do pensamento e não existe por si mesmo, “não é a linguagem que é natural ao homem, mas a faculdade de constituir uma língua.” (2006, p:18). Para Saussure, a capacidade da linguagem não pode ser o objeto de estudo de uma única ciência como a linguística, na medida em que ela tem características de naturezas diversas: física, fisiológica, antropológica etc. O objeto da linguística deve ser a língua, que é um produto social da faculdade da linguagem, e que é uma unidade. Nos domínios da língua, tal qual pensada por Saussure (2006), nada existe por si mesmo.

Distinguindo-se de Saussure, o linguista Noam Chomsky (1994), diferencia o conceito de linguagem, para ele ela funciona como parte da dotação genética da espécie humana, apesar de Saussure também dizer que a linguagem é uma faculdade da espécie humana, para Saussure (2006), a faculdade da linguagem é algo que capacita os homens a produzirem e compreenderem todas as manifestações simbólicas, inclusive a língua. Diferentemente, o que Chomsky chama de faculdade da linguagem é um módulo da mente especificamente associado à língua, e não a outras linguagens (como a pintura, a música, a dança etc.) A diferença entre os linguistas é que, Chomsky define a língua como um objeto puramente mental, Saussure não é muito específico a respeito do que é essa faculdade, que ele chama de linguagem. Como seu objetivo é a análise da língua em seus aspectos convencionais ou sociais, a capacidade que os homens têm de se manifestar linguisticamente não é de interesse para a teoria. Desse modo, Saussure não explicita a relação que essa faculdade permite a linguagem apresenta com a cognição de maneira geral. Por outro lado, para Chomsky, o que ele chama de faculdade da linguagem é um módulo cognitivo independente, especificamente associado à língua. Ao ver de Chomsky, é a faculdade da linguagem que deve ser o objeto central do estudo de uma teoria linguística.

Posteriormente, será abordado a distinção entre língua e fala para Saussure, e de como ele as define.

4. 1 DISTINÇÃO ENTRE LÍNGUA E FALA PARA SAUSSURE

Saussure faz uma distinção entre língua e fala, ou *langue* e *parole*. A dicotomia *langue* (língua) e *parole* (fala) não ratifica um projeto de ciência Linguística do qual o social não faz parte. Voltando ao exemplo de Saussure (2006) do jogo de xadrez usado anteriormente, a língua e a fala acontecem do mesmo modo, por exemplo, na partida de xadrez os jogadores devem respeitar a movimentação das peças seguindo as regras impostas pelo jogo. A *parole* é, portanto, a

individualização dos jogadores na partida, pois só opera sobre um estado da langue. Como se lê em Saussure (2006):

“a parte psíquica não entra tampouco totalmente em jogo: o lado executivo fica de fora, pois, a sua execução jamais é feita pela massa; é sempre individual e dela o indivíduo é sempre senhor; nós a chamaremos fala (parole).” (Saussure, 2006, p: 21)

Separar a língua da fala não é a primeira negar-lhe a face social, visto que a segunda, por não ser uma construção da sociedade, é o que há de menos social, um exemplo é quando se ouve uma língua desconhecida, consegue-se ouvir os sons, no entanto, não se compreende o fato social. A língua se realiza nos usos que dela fazem seus falantes, ou seja, a sociedade convencionou as regras, mas, nos atos de fala, é os indivíduos que decidem quais regras usar. Para ilustrar a diferença entre língua e fala, Saussure (2006) se vale do fato de que existem inúmeras línguas mortas. O latim, por exemplo, é uma língua morta. Não há mais “falas” do latim. Mas a língua continua a existir.

A linguística se viu, portanto entre uma bifurcação com a língua e a fala, Saussure define como objeto de estudo a língua. A língua não pode ser vista como uma espécie de ferramenta para a fala. Saussure (2006) afirma, “é na fala que se acha o germe de todas as modificações: cada uma delas é lançada, a princípio, por um certo número de indivíduos, antes de entrar em uso.” (p.115). Para tal afirmação o linguista usa o exemplo do alemão moderno, o qual passou por modificações, Saussure (2006) acreditava, portanto, que este fato se deu por influência da língua, em suas palavras:

O alemão moderno diz: ich war, wir waren, enquanto o antigo alemão, do século XVI, conjugava: ich was, wir waren (o inglês diz ainda: I was, we were). (...) Mas todas as inovações da fala não tem o mesmo êxito e, enquanto permanecem individuais, não há porque levá-las em conta, pois o que estudamos é a língua; elas só entram em observação no momento em que a coletividade as acolhe. (Saussure, 2006, p: 115).

Para Saussure (2006) o sujeito falante realizaria seus atos de fala de acordo com sua vontade, ou seja, o indivíduo cria sintagmas - as frases de acordo com sua vontade, “o sintagma se compõe sempre de duas ou mais unidades consecutivas (por exemplo: re-ler, contra todos; a vida humana; Deus é bom; se fizer bom tempo, sairemos etc).” (p.142), com esse exemplo tem-se a noção de que o sintagma se aplica apenas as palavras, mas aos grupos de palavras. Saussure (2006) afirma, “a frase é o tipo por excelência de sintagma. Mas ela pertence à fala e não à língua.” (p. 144). Antes dessa afirmação o linguista afirma que se a frase fosse “coisa exclusiva da fala, não poderia nunca passar por unidade linguística” (p. 123), fez esta pergunta: “Até que ponto pertence à frase à língua?” (p. 123). Saussure (2006) analisa como uma falta a “diversidade que domina” as frases (p. 123), e a ausência de qualquer coisa comum a elas chama de algo surpreendente: “Se nos representamos o conjunto de frases suscetíveis de serem pronunciadas, seu caráter mais surpreendente é o de não se assemelharem absolutamente entre si” (p. 123). Saussure (2006) então sugere certa perplexidade teórica diante da propriedade de diversificação da frase. Contudo, Saussure (2006) destaca:

No domínio do sintagma não há limite categórico entre o fato de língua, testemunho de uso coletivo, e o fato de fala, que depende da liberdade individual. Num grande número de casos, é difícil classificar uma combinação de unidades, porque ambos os fatores concorreram para produzi-la e em proporções impossíveis de determinar. (Saussure, 2006, p: 145).

O cérebro consegue reservar e memorizar todos os tipos de sintagmas, segundo os neurologistas António Damásio e Hanna Damásio (2004):

O cérebro elabora a linguagem mediante a interação de três conjuntos de estruturas neuronais, segundo acreditamos. O primeiro, composto de numerosos sistemas neuronais dos dois hemisférios, representa interações não linguísticas entre o corpo e seu meio, percebido por diversos sistemas sensoriais e motores. O segundo, um conjunto menor de estruturas neuronais, geralmente situadas no hemisfério esquerdo, representa os fonemas, suas combinações e as regras sintáticas de ordenação destas palavras em frases. O terceiro conjunto, também presente no hemisfério esquerdo, coordena os dois primeiros (António Damásio e Hanna Damásio, 2004)

A imagem abaixo representa o cérebro e as partes que o compõe e juntas formam o processo da linguagem.



Figura 4: cérebro

Fonte: https://www.psiquiatriageral.com.br/cerebro/cerebro_e_a_linguagem.htm

Os Centros Cerebrais da Linguagem, no hemisfério esquerdo (imagem), comportam estruturas que processam as palavras e as frases, assim como estruturas que asseguram a mediação entre os elementos do léxico e a gramática. As estruturas neuronais que representam os conceitos são repartidas entre os hemisférios direitos e esquerdos, em numerosas regiões sensoriais e motoras. A zona das palavras pensadas corresponde às áreas de Broca e de Wernicke. (António Damásio e Hanna Damásio, 2004).

Em Saussure (2006) “Quando alguém diz vamos! pensa inconscientemente em diversos grupos de associação em cuja interseção se encontra o sintagma “vamos”. (p. 151). O eixo sintagmático se baseia no caráter linear do signo linguístico, onde acaba por não existir possibilidade de pronunciar dois elementos juntos. A língua é constituída de elementos que se intercorrem um após o outro linearmente, ou seja, se apresenta como uma linha, formando uma cadeia, a da fala.

Exposto isso, na Invenção da Linguística (2013) os autores fazem uma abordagem sobre o legado saussuriano, toda contribuição que Saussure deixou com seus estudos sobre a linguagem humana, e o quanto foram e são relevantes para a sociedade, visto que é a partir desse legado que estudos posteriores puderam ser feitos, nas palavras dos autores da Invenção da Linguística, lê-se:

“O legado saussuriano, mesmo após um século de sua morte, gera frutos e se constitui como estudo vital para os constantes desenvolvimentos da nossa reflexão sobre a linguagem humana em todos os seus aspectos, funcionais e formais.” (2013. p. 145).

Diante desses fatos, conclui-se que a Linguística visa analisar como a capacidade humana se faz presente nos indivíduos e de que forma ela se estrutura, sendo passível de análise por ser homogênea, abstrata, sistemática, social. Logo a língua não está ligada diretamente aos que o falam, para Saussure (2006) “a linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma.” (p. 271).

5 CONCLUSÃO

O objetivo desse trabalho foi compreender as dicotomias saussurianas, e teorizar sobre o objeto de estudo de Saussure, a língua e de como ela se comporta dentro da linguagem. Foi possível abordar sobre as dicotomias e fazer algumas reflexões sobre o tema.

Como herdeiros de Saussure, pode-se afirmar o poder da língua, ela fornece as ferramentas necessárias para o falante realizar as mudanças; cabe a ele a decisão – consciente ou inconsciente de como operar tais ferramentas e programar os novos usos. O falante é quem define, portanto, a língua; ele promove a criação dos novos signos ao mesmo tempo em que se encontra, constantemente, exposto à necessidade de decidir se tais formas valem ou não, se elas integram ou não o sistema. A ação do falante é, portanto, soberana.

Diante de tudo que foi exposto, conclui-se a relevância dos estudos saussurianos, e de como a linguística tem poder dentro dos ensinamentos de língua. A nossa intenção com este trabalho é dar ênfase as dicotomias saussurianas e mostrar a relevância que a linguística tem dentro dos ensinamentos de língua.

REFERÊNCIAS

FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir do Nascimento e BARBISAN, Leci Borges (orgs). Saussure: a invenção da Linguística. São Paulo: Contexto, 2013.

SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de linguística geral. São Paulo: Editora Cultrix, 2006.

DAMÁSIO, Antônio. DAMÁSIO, Hanna. Revista: *Viver Mente & Cérebro Scientific American*. Ano XIII Nº143 - dezembro 2004.
https://www.psiquiatriageral.com.br/cerebro/cerebro_e_a_linguagem/cerebro-e-a-linguagem_02.jpg.

AGRADECIMENTOS

Aquele que é dono de tudo e todos, externo toda minha gratidão, a Deus agradeço por toda força a mim concedida, pois sem Ele eu não teria nem se quer chegado até aqui. Agradeço a meus pais Fátima Oliveira e Everaldo Pinto por tudo que fizeram e fazem por mim durante toda minha vida, as minhas irmãs Priscila Oliveira e Luana Oliveira, por estarem comigo a todo o momento e por terem sido as minhas primeiras professoras, foi com minhas irmãs que aprendi a ler e a escrever, agradeço também à minha sobrinha Maria Isabela, você é o motivo dos meus sorrisos mais sinceros, vocês minha família são minha referência na vida, gratidão eterna.

Agradeço também às minhas amigas Ana Karolina Santos Diniz e Emilly dos Santos Rodrigues as quais conheci no curso e as levarei para a vida, eu aprendi e aprendo muito com vocês, obrigada por todo apoio e por desde o primeiro dia de aula até agora estarem comigo, vocês foram a melhor coisa que me aconteceu na universidade.

Agradeço aos professores por todo conhecimento que me foi concedido, à professora e orientadora, Iara Francisca Araújo Cavalcanti, obrigada por ter aceitado ser minha orientadora e participar juntamente comigo desta reta final, em especial ao professor e amigo Ítalo Clay Tavares de Lima obrigada pela atenção e paciência comigo, você foi essencial para conclusão deste trabalho.

Por fim, estendo minha gratidão a cada um que me ajudou direta e indiretamente para que fosse possível que hoje eu estivesse aqui. Gratidão eterna a todos vocês.

Soli Deo gloria!